



VERUS  
EDITORA

UMA  
*Doz* AO  
CENTO

A MARCA DO LEÃO ♦ LIVRO 1

FRANCINE  
RIVERS

SÉRIE COM MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

## **Também de Francine Rivers**

AMOR DE REDENÇÃO

A ESPERANÇA DE UMA MÃE

O SONHO DE UMA FILHA

A PONTE DE HAVEN

UMA  
POZ<sub>AO</sub>  
VENTO

A MARCA DO LEÃO + LIVRO 1

FRANCINE  
RIVERS

**Tradução**

Sandra Martha Dolinsky



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raissa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Maria Lúcia A. Maier

**Revisão**

Cleide Salme

**Capa**

Adaptação da original (© Ron Kaufmann)

**Ilustração da capa**

© Robert Papp, 2008

**Projeto gráfico e diagramação**

André S. Tavares da Silva

**Título original**

*A Voice in the Wind*

*Mark of the Lion, book 1*

ISBN: 978-85-7686-559-9

Copyright © Francine Rivers, 1993, 2002, 2012

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Browne & Miller Literary Associates, LLC.

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R522v

Rivers, Francine, 1947-

Uma voz ao vento [recurso eletrônico] / Francine Rivers; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – Campinas, SP: Verus, 2018.

recurso digital: il. (A Marca do Leão; 1)

Tradução de: A Voice in the Wind - Mark of the Lion, book 1

Formato: epub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-7686-559-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

18-50265

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002

*Com amor para a minha mãe, Frieda King, um verdadeiro exemplo de serva  
humilde*

# SUMÁRIO

*P*refácio

Parte I: **JERUSALÉM**

Parte II: **GERMÂNIA**

Parte III: **ROMA**

Parte IV: **ÉFESO**

*E*pílogo

*G*lossário

*A*gradecimentos

## PREFÁCIO

Quando eu me tornei cristã renascida, em 1986, quis compartilhar minha fé com os outros. No entanto, não queria ofender ninguém nem arriscar “perder” velhos amigos e familiares que não compartilhavam da minha crença em Jesus como Senhor e Salvador. Fiquei hesitante e me calei. Mas, frustrada e envergonhada de minha covardia, me lancei à busca da fé de um mártir. E o resultado foi *Uma voz ao vento*.

Enquanto escrevia a história de Hadassah, aprendi que coragem não é algo que podemos fabricar por nossos próprios esforços. Mas, quando nos entregamos de todo o coração a Deus, ele nos dá coragem para enfrentar o que vier e as palavras certas para dizer quando somos chamados a nos levantar e expressar nossa fé.

Eu ainda me considero uma cristã em luta, cheia de falhas e defeitos, mas Jesus me concedeu a ferramenta da escrita para usar na busca de respostas. Cada personagem que escrevo representa um ponto de vista diferente enquanto busco a perspectiva de Deus, e todos os dias encontro algo nas Escrituras que fala diretamente a mim. Deus é paciente comigo, e, pelo estudo de sua Palavra, estou aprendendo o que ele quer me ensinar. Quando ouço de um leitor que foi tocado por uma de minhas histórias, é somente Deus que deve ser louvado. Todas as coisas boas vêm do Pai, e ele pode usar qualquer coisa para alcançar e ensinar seus filhos — até mesmo uma obra de ficção.

Meu principal desejo quando comecei a escrever ficção cristã era encontrar respostas para perguntas pessoais e compartilhá-las em forma de histórias. Agora, eu quero muito mais. Anseio que o Senhor use minhas histórias para fazer com que as pessoas tenham sede de sua Palavra, a Bíblia. Espero que ler a história de Hadassah desperte em você a ânsia pela verdadeira Palavra, Jesus Cristo, o Pão da Vida. Rezo para que você, ao terminar de ler este livro, pegue a Bíblia com

um novo ânimo, na expectativa de vivenciar um verdadeiro encontro com o Senhor. Que busque as Escrituras pela alegria de estar na presença de Deus.

Amado, entregue-se de todo o coração a Jesus Cristo, que o ama. Enquanto você beber do poço profundo das Escrituras, o Senhor vai refrescá-lo e purificá-lo, moldá-lo e recriá-lo por meio de sua Palavra Viva. Pois a Bíblia é o alento de Deus, que dá vida eterna àqueles que o procuram.

*Francine Rivers*

JERUSALÉM

# 1

A cidade intumescia silenciosamente sob o sol escaldante, apodrecendo como os milhares de corpos que jaziam onde haviam caído, em batalhas de rua. Um vento quente e opressivo soprava do sudeste, carregando consigo o fedor putrefeito da decadência. E, fora dos muros da cidade, a própria Morte esperava na pessoa de Tito, filho de Vespasiano, e dos sessenta mil legionários ansiosos para destruir a cidade de Deus.

Antes mesmo que os romanos atravessassem o vale dos Espinhos e acampassem no monte das Oliveiras, facções em conflito dentro das muralhas da cidade de Jerusalém já haviam preparado o caminho para sua destruição.

Saqueadores judeus, que fugiam como ratos diante das legiões romanas, haviam caído recentemente sobre Jerusalém e assassinado seus cidadãos proeminentes, tomando o templo sagrado. E, lançando a sorte para designar o clero, transformaram uma casa de oração em um mercado de tirania.

Sem demora, atrás dos ladrões chegaram rebeldes e zelotes. Dirigidas por líderes rivais — João, Simão e Eliézer —, as facções em guerra lutavam em fúria entre os três muros. Inflados de poder e orgulho, retalharam Jerusalém em uma mancha sangrenta.

Quebrando o Shabat e as leis de Deus, Eliézer invadiu a Fortaleza Antônia e assassinou os soldados romanos que estavam ali dentro. Os zelotes se enfureceram, matando mais milhares, que tentavam levar a ordem de volta a uma cidade enlouquecida. Foram criados tribunais ilegais e zombou-se das leis humanas e divinas quando centenas de homens e mulheres inocentes foram assassinados. No caos, casas repletas de milho foram queimadas. Logo se seguiu a fome.

Em seu desespero, os judeus justos oravam fervorosamente para que Roma atacasse a grande cidade, uma vez que acreditavam que então, e somente então,

as facções em Jerusalém se uniriam por uma só causa: *libertar-se* das mãos de Roma.

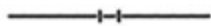
Com a chegada de Roma, e com suas odiadas insígnias erguidas, seu grito de guerra ecoou por toda a Judeia. Eles tomaram Gadara, Jotapata, Bersebá, Jericó e Cesareia. As poderosas legiões marcharam sobre os passos de peregrinos devotos que provinham de todos os cantos da nação judaica para adorar e celebrar os gloriosos dias sagrados da Festa dos Pães Ázimos — a Páscoa. Dezenas de milhares de inocentes chegaram à cidade e se viram em meio a uma guerra civil. Zelotes fecharam os portões, encarcerando a todos. Roma procedeu à invasão, até que o som da destruição ecoou por todo o vale do Cédron e contra os muros de Jerusalém. Tito sitiou a antiga Cidade Santa, decidido a acabar definitivamente com a rebelião judaica.

Josefo, general judeu da derrotada cidade de Jotapata, que havia sido capturado pelos romanos, chorou e gritou do alto do primeiro muro lançado abaixo pelos legionários. Com a permissão de Tito, ele clamou a seu povo que se arrependesse, advertindo que Deus estava contra eles, que as profecias da destruição estavam prestes a se realizar. Aqueles poucos que o ouviram e conseguiram evitar os zelotes durante a fuga chegaram aos gananciosos sírios — que os dissecaram pelas peças de ouro que haviam supostamente engolido antes de desertar da cidade. Aqueles que não deram atenção a Josefo sofreram a fúria da máquina de guerra romana. Após cortar todas as árvores de uma área que perfazia quilômetros, Tito construiu máquinas de cerco que lançaram uma infinidade de dardos, pedras e até mesmo cativos para dentro da cidade.

Da praça do mercado na Cidade Alta até a Acra e o vale do Tiropeon entre uma e outra, a cidade se contorcia em revolta.

Dentro do grande templo de Deus, o líder rebelde João derreteu os vasos sagrados de ouro para si mesmo. Os justos choraram por Jerusalém, a noiva dos reis, a mãe dos profetas, a casa do pastor Davi. Despedaçada por seu próprio povo, ela restou destruída e desamparada, aguardando o golpe de morte pelas mãos de odiados gentios estrangeiros.

A anarquia destruiu Sião, e Roma estava pronta para destruir a anarquia... a qualquer momento... em qualquer lugar.



Hadassah abraçava sua mãe, que chorava copiosamente, enquanto afastava o cabelo negro de seu rosto magro e pálido. Quando mais jovem, sua mãe era linda. Hadassah se lembrava de vê-la soltar os cabelos, que lhe caíam sobre as costas em ondas espessas e brilhantes. Eram sua glória suprema, como dizia seu pai. Agora, eram opacos e ásperos, e as faces, antes coradas, estavam fundas e sem cor. A barriga estava inchada pela desnutrição, e os ossos das pernas e dos braços destacavam-se sob a pele acinzentada.

Levantando a mão de sua mãe, Hadassah a beijou com ternura. Parecia uma garra ossuda, flácida e fria.

— Mamãe?

Não houve resposta. Hadassah olhou para a irmã mais nova, Lea, deitada em um catre sujo no canto, do outro lado da sala. Felizmente, ela estava dormindo, a agonia da lenta inanição brevemente esquecida.

Hadassah acariciou o cabelo de sua mãe novamente. O silêncio pousava sobre ela como uma mortalha quente. A dor em seu estômago vazio era quase insuportável. No dia anterior, ela havia chorado amargamente quando sua mãe dera graças a Deus pela refeição que Marcos conseguira lhes arranjar: o escudo de couro de um soldado romano morto em batalha.

Quanto tempo até que todos eles morressem?

Sofrendo em silêncio, ela ainda ouvia seu pai falando com ela com sua voz firme, mas gentil:

— É impossível aos homens evitar o destino, mesmo quando o veem de antemão.

Ananias havia dito essas palavras poucas semanas atrás, mas parecia uma eternidade. Ele havia orado aquela manhã toda, e Hadassah sentira muito medo. Ela sabia o que o pai ia fazer, o que sempre havia feito. Ele se postaria diante dos incrédulos e pregaria sobre o Messias, Jesus de Nazaré.

— Por que tem que sair de novo e falar com essas pessoas? Você quase morreu da última vez.

— Essas pessoas, Hadassah? Elas são seus parentes. Eu sou da tribo de Benjamim. — Ela ainda podia sentir o toque suave dele em sua face. — Temos que aproveitar todas as oportunidades que tivermos para falar a verdade e proclamar a paz. Especialmente agora, quando há pouco tempo para tantos.

Então, ela se agarrara a ele.

— Por favor, não vá. Pai, você sabe o que vai acontecer. O que faremos sem você? Você não pode trazer a paz. Não há paz neste lugar!

— Não é da paz do mundo que eu falo, Hadassah, e sim de Deus. Você sabe disso. — Ele a abraçara. — Shhh, minha criança. Não chore assim.

Mas ela não o soltara. Hadassah sabia que eles não o ouviriam — eles não queriam ouvir o que seu pai tinha a dizer. Os homens de Simão o retalhariam diante da multidão, como um exemplo do que poderiam esperar aqueles que falavam pela paz. Já havia acontecido com outros.

— Preciso ir. — Suas mãos eram firmes e seus olhos gentis. Ele inclinara o queixo, dizendo: — Haja o que houver, o Senhor estará sempre com vocês. — Então a beijara e a abraçara, assim como a seus outros dois filhos. — Marcos, você ficará aqui com sua mãe e suas irmãs.

Agarrando-se à mãe e a sacudindo, Hadassah suplicara:

— Você não pode deixá-lo ir! Desta vez não!

— Cale-se, Hadassah. A quem está servindo argumentando contra seu pai?

A reprimenda da mãe, embora pronunciada com suavidade, atingira-a com força.

Muitas foram as vezes em que sua mãe dissera que, quando uma pessoa não servia ao Senhor, sem querer servia ao maligno. Lutando contra as lágrimas, Hadassah obedecera e não dissera mais nada.

Rebeca colocara a mão no rosto de barba grisalha do marido. Ela sabia que Hadassah tinha razão; ele poderia não voltar, provavelmente não voltaria. No entanto, se fosse a vontade de Deus, talvez uma alma pudesse ser salva por meio de seu sacrifício. Talvez uma só fosse suficiente. Seus olhos estavam marejados, e ela não podia — não ousava — falar. Tinha medo de se juntar às súplicas de Hadassah para que ele ficasse a salvo naquela pequena casa. E Ananias sabia melhor do que ela o que o Senhor queria dele.

Ele pousara sua mão sobre a dela, e Rebeca tentara não chorar.

— Lembre-se do Senhor, Rebeca — ele dissera solenemente. — Estamos juntos no Senhor.

E ele não voltara.

Hadassah se inclinou sobre a mãe de forma protetora, com medo de perdê-la também.

— Mãe?

Silêncio. A respiração de Rebeca era superficial. O que ocupava Marcos por tanto tempo? Ele havia saído ao amanhecer. Certamente o Senhor não o levaria também...

No silêncio da pequena sala, o medo de Hadassah crescia enquanto acariciava distraidamente os cabelos da mãe. *Por favor, Deus. Por favor!* As palavras não saíam, pelo menos não com sentido. Havia apenas um gemido dentro de sua alma. Por favor o quê? Que os mate já de fome antes que os romanos cheguem com espadas? Ou antes que sofram a agonia de uma cruz? *Deus, Deus!* Sua súplica saiu aflita, desamparada e tomada de medo. *Ajuda-nos!*

Por que haviam ido para aquela cidade? Ela odiava Jerusalém.

Hadassah lutava contra o desespero dentro de si. O sentimento havia se tornado tão denso que parecia um peso físico, puxando-a para um poço escuro. Tentou pensar em tempos melhores, em momentos mais felizes, mas os pensamentos não vieram.

Pensou nos meses havia muito passados, quando partiram da Galileia, sem imaginar que ficariam presos na cidade. Na noite anterior à entrada deles em Jerusalém, seu pai montara acampamento em uma encosta com vista para o monte Moriá, onde Abraão quase sacrificara Isaque. Ele lhes contara histórias de quando era menino e vivia fora da cidade grande; falara até alta noite sobre as leis de Moisés, sob as quais crescera. Falara dos profetas. De Jeová, o Cristo.

Naquela ocasião, Hadassah dormira e sonhara com o Senhor alimentando os cinco mil em uma encosta.

Recordou que seu pai havia despertado a família ao amanhecer. E recordou que, à medida que o sol se elevava, a luz refletia no mármore e no ouro do templo, transformando a estrutura em um farol ardente de esplendor flamejante, visível a quilômetros de distância. Ainda podia sentir o espanto diante de tal glória.

— Oh, pai, é tão lindo.

— Sim — dissera ele solenemente. — Mas, muitas vezes, coisas de grande beleza estão cheias de grande corrupção.

Apesar da perseguição e do perigo que os esperavam em Jerusalém, seu pai estava pleno de alegria e expectativa quando adentraram os portões. Talvez agora mais parentes dele escutassem, talvez mais entregassem seu coração ao Senhor ressuscitado.

Poucos crentes do Caminho permaneceram em Jerusalém. Muitos haviam sido presos, alguns apedrejados, ainda mais levados a outros lugares. Lázaro, suas irmãs e Maria Madalena haviam sido expulsos; o apóstolo João, um querido amigo da família, havia saído de Jerusalém dois anos antes, levando a mãe do Senhor consigo. No entanto, o pai de Hadassah ficara. Uma vez por ano, ele voltava a Jerusalém com a família para se reunir com outros crentes em um cenáculo. Ali, eles compartilhavam pão e vinho, assim como o Senhor Jesus havia feito na noite anterior a sua crucificação.

Este ano, Shimeon Bar-Adonijah apresentara os elementos da refeição de Páscoa:

— O cordeiro, o pão ázimo e as ervas amargas da Páscoa têm tanto significado para nós quanto para nossos irmãos e irmãs judeus. O Senhor preenche cada elemento. Ele é o Cordeiro perfeito de Deus, que, embora sem pecado próprio, assumiu para si a amargura de nossos pecados. Assim como foi dito aos judeus cativos no Egito que colocassem o sangue de um cordeiro na porta para que a ira e o julgamento de Deus passassem sobre eles, Jesus derramou seu sangue por nós, para que permaneçamos irrepreensíveis diante de Deus no dia do julgamento, que se aproxima. Nós somos filhos e filhas de Abraão, pois é por nossa fé no Senhor que somos salvos em sua graça.

Durante os três dias seguintes, eles jejuaram e oraram e repetiram os ensinamentos de Jesus. No terceiro dia, cantaram e se alegraram, repartindo o pão uma vez mais para celebrar a ressurreição de Jesus. E todos os anos, durante a última hora da reunião, o pai de Hadassah contava sua história. Este ano não havia sido diferente. A maioria tinha ouvido sua história muitas vezes antes, mas sempre havia pessoas novas para a fé. E era para essas pessoas que seu pai falava.

Ele se levantara; era um homem simples, de barba e cabelos grisalhos e olhos escuros, cheios de luz e serenidade. Não havia nada de notável nele. Mesmo quando falava, era um homem comum. Era o toque da mão de Deus que o fazia diferente dos outros.

— Meu pai era um homem bom, um benjamita que amava Deus e que me ensinou a lei de Moisés — começou a dizer, enquanto caminhava calmamente, olhando nos olhos as pessoas sentadas ao seu redor. — Ele era comerciante perto de Jerusalém e se casou com minha mãe, filha de um lavrador pobre. Não éramos nem ricos, nem pobres. Por tudo que tínhamos, meu pai dava glória e

graças a Deus. Quando chegou a Páscoa, fechamos nossa lojinha e entramos na cidade. Minha mãe ficou com algumas amigas, preparando-se para a Páscoa. Meu pai e eu ficamos no templo. Ouvir a Palavra de Deus era enfadonho, e eu sonhava em ser escriba. Mas isso não aconteceu. Quando eu tinha catorze anos, meu pai faleceu, e, sem irmãos ou irmãs, foi necessário que eu assumisse o negócio dele. Os tempos eram muito difíceis, e eu era jovem e inexperiente. Mas Deus foi bom. Ele nos proveu.

Ele fechara os olhos.

— Então, uma febre se apoderou de mim. Lutei contra a morte. Podia ouvir minha mãe chorando e gritando a Deus. Rezei: “Senhor, não me deixa morrer. Minha mãe precisa de mim. Sem mim, ela ficará sozinha, sem ninguém para provê-la. Por favor, não me leva agora!” Mas a morte veio. Cercou-me como a fria escuridão e me abraçou.

O silêncio na sala era quase tangível. Os ouvintes aguardavam o final.

Não importava quantas vezes Hadassah ouvisse essa história, nunca se cansava dela, e o relato nunca perdia seu poder. Enquanto seu pai falava, ela sentia a força sombria e solitária que o reclamava. Arrepiada, segurava as pernas contra o peito, enquanto ele prosseguia:

— Minha mãe conta que alguns amigos já me levavam pela estrada até o meu túmulo quando Jesus passou. O Senhor a ouviu chorar e teve piedade. Minha mãe não sabia quem ele era quando parou a procissão do funeral, mas havia muitos seguidores com ele, além de doentes e aleijados. Então ela o reconheceu, pois ele me tocou e eu me levantei.

Hadassah queria saltar e gritar de alegria. Algumas pessoas que a rodeavam choravam, com o rosto transpassado de admiração e espanto. Outras queriam tocar seu pai, colocar as mãos sobre um homem que havia sido arrancado da morte por Jesus Cristo. Tinham tantas perguntas. *Como se sentiu quando se levantou? Você falou com ele? O que ele lhe disse? Como ele era?*

No cenáculo, na reunião de crentes, Hadassah se sentia forte e segura. Ali, podia sentir a presença de Deus e seu amor. *Ele me tocou e eu me levantei.* O poder de Deus era capaz de superar qualquer coisa.

Então eles deixavam o cenáculo, e, enquanto seu pai levava a família de volta para a pequena casa onde ficavam, o medo sempre presente de Hadassah tornava a aumentar. Ela rezava para que seu pai não parasse para falar. Quando ele

contava sua história aos crentes, eles choravam e se alegravam. Mas, para os incrédulos, ele era risível. A euforia e a segurança que ela sentia com aqueles que compartilhavam sua fé se dissolviam quando via o pai diante de uma multidão descrente, pronta para persegui-lo.

— Ouçam-me, oh, homens de Judá! — gritava ele, atraindo as pessoas. — Ouçam as Boas-Novas que tenho para lhes dar.

No começo, eles ouviam. Ele era um homem velho, e as pessoas eram curiosas; profetas eram sempre uma distração. Ele não era eloquente como os líderes religiosos, falava simplesmente o que se passava em seu coração. E as pessoas riam e zombavam dele. Alguns jogavam legumes e frutas podres, outros o chamavam de louco, outros ainda ficavam furiosos com sua história de ressurreição e gritavam, chamando-o de mentiroso e blasfemo.

Dois anos antes, ele havia sido espancado tão gravemente que dois amigos tiveram de levá-lo de volta à casinha alugada onde eles sempre ficavam. Elcana e Benaías tentaram argumentar com ele:

— Ananias, você não deve voltar aqui — dissera Elcana. — Os sacerdotes sabem quem você é e querem silenciá-lo. Eles não são tolos a ponto de arriscar um julgamento, mas há muitos homens malvados que fariam a vontade de outros por um único shekel. Tire a terra de Jerusalém dos sapatos e vá a algum lugar onde a mensagem seja ouvida.

— E onde mais seria senão aqui, onde nosso Senhor morreu e ressuscitou?

— Muitos daqueles que testemunharam sua ressurreição fugiram com medo da prisão e da morte nas mãos dos fariseus — dissera Benaías. — Até Lázaro deixou a Judeia.

— Para onde ele foi?

— Disseram-me que levou suas irmãs e Maria de Magdala para a Gália.

— Não posso sair da Judeia. O que quer que aconteça, é aqui que o Senhor me quer.

Benaías ficara em silêncio por um longo tempo, até que assentira lentamente, sentenciando:

— Então, será como o Senhor quiser.

Elcana concordara, descansando a mão na do pai de Hadassah.

— Selomite e Ciro permanecem aqui. Eles o ajudarão quando você estiver em Jerusalém. Estou levando minha família para fora da cidade, e Benaías vem

comigo. Que a face de Deus brilhe sobre você, Ananias. Você e Rebeca estarão em nossas orações. E seus filhos também.

Hadassah chorara ao ver desaparecerem suas esperanças de deixar aquela cidade miserável. Sua fé era fraca. Seu pai sempre perdoara aqueles que o atormentavam e atacavam, enquanto ela orava para que conhecessem todos os fogos do inferno por causa do que haviam feito com ele. Muitas vezes, ela orava para que Deus mudasse a vontade de Ananias e o enviasse a outro lugar que não Jerusalém. A algum lugar pequeno e pacífico, onde as pessoas o ouvissem.

— Hadassah, sabemos que Deus usa todas as coisas para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo seus propósitos — sua mãe dizia com frequência, tentando confortá-la.

— O que há de bom em apanhar? O que há de bom em ser cuspidos? Por que ele tem que sofrer assim?

Nas pacatas colinas da Galileia, onde o mar azul se estendia diante dela e os lírios do campo às suas costas, Hadassah podia acreditar no amor de Deus. Em casa, nessas colinas, sua fé era forte. Sua fé a aquecia e fazia seu coração cantar.

Em Jerusalém, porém, ela lutava. Agarrava-se à fé, mas a via se afastar dela. A dúvida era sua companheira, e o medo, avassalador.

— Pai, por que não podemos crer e permanecer em silêncio?

— Nós somos chamados a ser a luz do mundo.

— Eles nos odeiam mais a cada ano que passa.

— O ódio é o inimigo, Hadassah, não as pessoas.

— Mas são as pessoas que batem em você, pai. O próprio Senhor não nos disse para não atirar pérolas aos porcos?

— Hadassah, se eu morrer por ele, morrerei cheio de alegria. O que eu faço é pelo seu bom propósito. A verdade não sai e volta vazia. Você deve ter fé, Hadassah. Lembre-se da promessa. Nós somos parte do corpo de Cristo, e em Cristo temos a vida eterna. Nada pode nos separar. Nenhum poder na Terra, nem mesmo a morte.

Ela pressionara o rosto contra o peito dele e sentira a túnica de tecido áspero que ele usava se esfregar contra sua pele.

— Por que consigo crer em casa, pai, mas não aqui?

— Porque o inimigo sabe onde você é mais vulnerável. — Pousou a mão sobre a dela. — Você se lembra da história de Jeosafá? Os filhos de Moabe,

Amom e monte Seir se voltaram contra ele com um poderoso exército. O Espírito do Senhor pairou sobre Jaaziel e Deus disse por meio dele: “Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, porque a peleja não é vossa, mas de Deus”. Enquanto eles cantavam e louvavam ao Senhor, o próprio Deus montou uma emboscada contra seus inimigos. E, pela manhã, quando os israelitas chegaram à vigia do deserto, viram os corpos dos mortos. Ninguém escapou. Os israelitas nem sequer levantaram a mão na batalha e venceram.

Beijando a cabeça da filha, ele dissera:

— Fique firme no Senhor, Hadassah. Fique firme e deixe-o lutar suas batalhas. Não tente lutar sozinha.

Ela suspirou, tentando ignorar a queimação no estômago. Como sentia falta dos conselhos do pai na solidão silenciosa daquela casa. Se cresse em tudo que ele havia lhe ensinado, ela se alegraria por seu pai estar com o Senhor. Mas sofria a perda, que crescia e se derramava sobre ela em ondas, espalhando-se com uma raiva confusa e estranha.

Por que seu pai teve que ser um louco por Cristo? As pessoas não queriam ouvir, não acreditavam. Seu testemunho as ofendia. Suas palavras as deixavam com ódio. Por que ele não pôde, só uma vez, ficar em silêncio e dentro dos limites seguros daquela casinha? Ele ainda estaria vivo, ali, naquela sala, confortando-as e dando-lhes esperança, em vez de deixá-las para se defender sozinhas. Por que ele não podia ter sido sensato uma única vez e esperado a tempestade passar?

A porta se abriu devagar, e o coração de Hadassah se sobressaltou, trazendo-a de volta ao sombrio presente. Ladrões haviam invadido casas pela rua, assassinando os ocupantes por um pedaço de pão. Mas foi Marcos quem entrou. Ela voltou a respirar, aliviada ao vê-lo.

— Tive tanto medo por você — sussurrou com sentimento. — Você passou horas fora.

Ele fechou a porta e desabou, esgotado, contra a parede, perto de sua irmã.

— O que você encontrou?

Ela esperou que ele tirasse de dentro da camisa o que houvesse encontrado. Qualquer alimento tinha de ser escondido, porque alguém poderia atacá-lo para roubar.

Marcos olhou para ela, impotente.

— Nada. Nada mesmo. Nem um sapato gasto, nem um escudo de couro de um soldado morto. Nada.

Ele começou a chorar, os ombros tremendo.

— Shhh, você vai acordar a Lea e a mamãe.

Suavemente, Hadassah aconchegou sua mãe novamente sob o cobertor e foi até ele. Abraçou-o e inclinou a cabeça contra seu peito.

— Você tentou, Marcos. Eu sei que tentou.

— Talvez seja a vontade de Deus que morramos.

— Não sei se quero mais saber da vontade de Deus — disse ela sem pensar. Seus olhos logo ficaram marejados. — A mamãe disse que o Senhor proverá — continuou, mas suas palavras soaram vazias.

Sua fé era muito fraca. Ela não era como seu pai e sua mãe. Até Lea, tão jovem, amava o Senhor de todo o seu coração. E Marcos parecia aceitar a morte. Por que sempre ela tinha que questionar e duvidar?

*Tenha fé. Tenha fé. Quando não tiver mais nada, tenha fé.*

Marcos estremeceu, tirando Hadassah de seus pensamentos sombrios.

— Eles estão jogando corpos no Wadi er-Rababi, atrás do templo sagrado. Milhares, Hadassah.

Ela recordou o horror do vale de Hinom. Era lá que Jerusalém descartava os animais mortos e imundos e descarregava os excrementos humanos. Cestas de cascos, entranhas e restos de animais do templo eram levados para lá e despejados. Ratos e aves carniceiras infestavam o local, e frequentemente o fedor era carregado através da cidade pelos ventos quentes. Seu pai chamava o local de Geena.

— Não foi longe daqui que nosso Senhor foi crucificado — disse Marcos, passando a mão pelos cabelos. — Eu fiquei com medo de chegar mais perto.

Hadassah fechou os olhos com força, mas a pergunta surgiu firme e crua, contra sua vontade. Teria seu pai sido levado àquele lugar, profanado e deixado para apodrecer sob o sol quente? Ela mordeu o lábio e tentou espantar tal pensamento.

— Eu vi Tito — Marcos contou, em tom monótono. — Ele passou a cavalo com alguns de seus homens. Quando viu os corpos, ele gritou. Não conseguiu ouvir suas palavras, mas um homem disse que ele estava desafiando Jeová, dizendo que aquilo não era coisa dele.

— Se a cidade se rendesse agora, ele mostraria misericórdia?

— Se ele pudesse conter seus homens... Eles odeiam os judeus e querem vê-los destruídos.

— E a nós também — disse ela, estremeando. — Eles não saberão a diferença entre os crentes do Caminho e os zelotes, não é? Judeus sediciosos ou justos, ou até cristãos, não fará diferença. — Sua visão estava borrada por causa das lágrimas. — Essa é a vontade de Deus, Marcos?

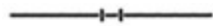
— O papai disse que não é vontade de Deus que nenhuma pessoa sofra.

— Então, por que devemos sofrer?

— Nós arcamos com as consequências do que fizemos a nós mesmos e do pecado que governa este mundo. Jesus perdoou o ladrão, mas não o tirou da cruz. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Eu não sou sábio como o papai. Não tenho respostas para o motivo, mas sei que há esperança.

— Que esperança, Marcos? Que esperança pode haver?

— Deus sempre deixa alguma.



O cerco persistia, e, enquanto a vida em Jerusalém declinava, o espírito de resistência dos judeus seguia em sentido contrário. Hadassah permaneceu abrigada em sua pequena casa, ouvindo o horror que se espalhava lá fora. Um homem passou gritando e correndo pela rua:

— Eles subiram no muro!

Quando Marcos saiu para ver o que estava acontecendo, Lea ficou histérica. Hadassah foi até sua irmã e a segurou com firmeza. Ela mesma estava próxima da histeria, mas cuidar de sua jovem irmã ajudou a acalmá-la.

— Vai ficar tudo bem, Lea. Fique quieta. — Suas palavras não faziam sentido nem a seus próprios ouvidos. — O Senhor está cuidando de nós — disse, acariciando gentilmente a irmã.

Era uma ladainha de mentiras reconfortantes, pois o mundo estava desmoronando ao redor deles. Hadassah olhou para a mãe do outro lado do quarto e sentiu as lágrimas voltarem. Rebeca lhe sorriu debilmente, como se tentasse tranquilizá-la, mas foi em vão. O que seria deles?

Marcos voltou, anunciando que a batalha nos muros era furiosa. Os judeus haviam virado o jogo e estavam fazendo os romanos retrocederem.

No entanto, naquela noite, sob o manto da escuridão, dez legionários entraram furtivamente pelas ruínas da cidade e tomaram a Fortaleza Antônia. A batalha chegou até a entrada do templo sagrado. Embora repelidos novamente, os romanos reagiram, derrubando alguns alicerces da fortaleza e invadindo o Pátio dos Gentios. Na tentativa de desviá-los, zelotes atacaram os romanos no monte das Oliveiras. Fracassaram e foram destruídos. Os prisioneiros foram crucificados diante das muralhas para que todos presenciassem.

Houve calma novamente. E então um novo horror, mais devastador, se espalhou pela cidade quando correu o rumor de que uma mulher faminta havia comido o próprio filho. A chama do ódio pelos romanos se transformou em um incêndio.

Josefo gritou de novo a seu povo que Deus estava usando os romanos para destruí-los, cumprindo as profecias dos profetas Daniel e Jesus. Os judeus reuniram palha, madeira seca, betume e piche e fecharam os claustros. Os romanos avançaram, e os judeus recuaram, atraindo-os para o templo. Uma vez lá dentro, os judeus incendiaram seu local sagrado, matando queimados muitos legionários.

Tito recuperou o controle de seus soldados enfurecidos e ordenou que apagassem o fogo, mas, mal haviam conseguido salvar o templo, os judeus atacaram novamente. Dessa vez, nem todos os oficiais de Roma puderam conter a fúria dos legionários romanos, que, movidos pelo desejo de sangue judeu, incendiaram o templo e mataram todas as pessoas que encontraram pelo caminho, saqueando a cidade conquistada.

Os homens caíam às centenas enquanto as chamas envolviam a cortina babilônica, bordada de finas linhas azuis, escarlates e roxas. No alto do telhado do templo, um falso profeta gritava ao povo para subir e se entregar. Os gritos de agonia de gente sendo queimada viva atravessavam a cidade, misturando-se aos terríveis sons de batalha nas ruas e vielas. Homens, mulheres, crianças, todos caíram pela força da espada.

Hadassah tentou tirar essas terríveis cenas da mente, mas o som da morte estava em todos os lugares. Sua mãe morreu no mesmo dia quente de agosto que Jerusalém sucumbiu, e durante dois dias Hadassah, Marcos e Lea esperaram,

sabendo que os romanos os encontrariam mais cedo ou mais tarde e os destruiriam, como haviam feito com todos os demais.

Alguém correu, fugindo pela rua estreita. Outros gritaram ao serem retalhados sem piedade. Hadassah teve vontade de fugir, mas para onde poderia ir? E quanto a Lea e Marcos? Recuou para as sombras escuras do pequeno aposento e abraçou sua irmã.

Mais vozes masculinas. Mais alto. Mais perto. Uma porta foi derrubada não muito longe. Pessoas gritaram. Uma a uma, foram silenciadas.

Fraco e magro, Marcos se postou diante da porta, trêmulo, rezando baixinho. O coração de Hadassah batia forte, o estômago vazio se contraindo em uma bola dolorida. Ouvia vozes de homens na rua. Falavam em grego, num tom desdenhoso. Um deles deu ordens para invadir todas as casas próximas. Outra porta foi derrubada. Mais gritos.

O som de sapatos com sola de tachas chegou à porta deles. O coração de Hadassah batia descontroladamente.

— Oh, Deus...

— Feche os olhos, Hadassah — Marcos instruiu, estranhamente calmo. — Lembre-se do Senhor — disse ele quando a porta se abriu.

Marcos emitiu um som áspero e caiu de joelhos. A ponta ensanguentada de uma espada atravessou-lhe as costas, manchando de vermelho a túnica cinza. O grito agudo de Lea encheu o pequeno aposento.

O soldado romano chutou Marcos, liberando a espada.

Aterrorizada, Hadassah não conseguiu emitir um único som. Imóvel, olhou para o homem, para sua armadura coberta de poeira e do sangue jorrado de seu irmão. Os olhos do homem brilhavam por trás da viseira. Quando deu um passo à frente, erguendo a espada ensanguentada, Hadassah se moveu depressa, instintivamente. Jogou Lea no chão e caiu sobre ela. *Oh, Deus, que tudo acabe depressa*, rezou. *Permite que seja rápido*. Lea permaneceu calada. O único som era o da respiração rouca do soldado, misturada aos gritos da rua.

Tércio apertou ainda mais a espada e fitou a jovem emaciada que cobria uma garota ainda menor. Ele deveria matá-las e acabar logo com isso! Esses malditos judeus eram uma praga para Roma. Comendo os próprios filhos! Destruindo as mulheres, não nasceriam mais guerreiros. Essa nação merecia ser aniquilada. Ele deveria simplesmente matá-las e acabar logo com isso.

O que o impedia?

A garota mais velha olhou para ele, os olhos escuros tomados pelo medo. Era tão franzina, exceto por aqueles olhos, grandes demais para o rosto pálido. Alguma coisa nela minou a força de morte do braço de Tércio. Sua respiração foi se acalmando, os batimentos cardíacos diminuíram.

Ele tentou se lembrar dos amigos que havia perdido. Diocles havia sido morto por uma pedra enquanto construía as máquinas de cerco. Malcenas fora derrubado por seis lutadores quando violaram o primeiro muro. Capaneu havia sido queimado até a morte quando os judeus atearam fogo ao próprio templo. Albion ainda sofria pelos ferimentos de um dardo judeu.

No entanto, o calor em seu sangue esfriara.

Tremendo, Tércio baixou a espada. Alerta a qualquer movimento que a menina fizesse, olhou ao redor da minúscula sala. A névoa vermelha que cobria sua visão desapareceu. Ele havia matado um menino, que jazia em uma poça de sangue ao lado de uma mulher. Ela parecia em paz, como se estivesse dormindo. Tinha os cabelos cuidadosamente penteados e as mãos sobre o peito. Ao contrário daqueles que escolheram despejar seus mortos no riacho, essas crianças haviam mantido a mãe com dignidade.

Ele havia ouvido falar de uma mulher que comera o próprio filho, e isso alimentara seu ódio contra os judeus, fruto de dez longos anos na Judeia. Não queria nada mais que os arrancar da face da Terra. Os judeus sempre foram sinônimo de problemas para Roma — rebeldes e orgulhosos, recusavam-se a se curvar diante de nada além de seu único deus *verdadeiro*.

Um deus verdadeiro. A boca rígida de Tércio se contorceu em um sorriso sarcástico. Eram uns tolos, todos eles. Acreditar em um só deus não era apenas ridículo, era incivilizado. E, com todos os seus protestos sagrados e sua persistência obstinada, eram uma raça bárbara. Veja o que haviam feito com seu próprio templo.

Quantos judeus ele matara nos últimos cinco meses? Não se dera o trabalho de contar quando foi de casa em casa, guiado pela sede de sangue, caçando-os como animais. Pelos deuses, ele havia saboreado aquilo, contabilizando cada morte como um pequeno troco simbólico pelos amigos que haviam sido tirados dele.

Por que hesitava, então? Estaria com pena de uma sórdida fedelha judia? Seria misericordioso matá-la e livrá-la da miséria. Ela estava tão magra que ele poderia derrubá-la com um sopro. Tércio deu outro passo em sua direção; poderia matar as duas garotas com um único golpe. Tentou reunir vontade para fazê-lo.

A garota esperava. Era evidente que estava aterrorizada, mas não pedia misericórdia, como muitos haviam feito. Tanto ela quanto a criança embaixo estavam imóveis e quietas, olhando para ele.

O coração de Tércio se apertou, e ele se sentiu fraco. Respirou fundo e expirou bruscamente. Soltando uma maldição, enfiou a espada na bainha que carregava no flanco.

— Vou poupá-las, mas não vão me agradecer por isso.

Hadassah entendia grego. Era uma língua comum entre os legionários romanos, de modo que era ouvida em toda a Judeia. Ela começou a chorar. Ele a pegou pelo braço e a puxou para levantá-la.

Olhou para a menina deitada no chão. Ela estava de olhos abertos, fixos em algum lugar distante para o qual sua mente escapara. Não era a primeira vez que ele via esse olhar. Ela não duraria muito.

— Lea — chamou Hadassah, assustada com o olhar vago nos olhos da irmã. Ela se abaixou e a abraçou. — Minha irmã — disse, tentando despertá-la.

Tércio sabia que a menina já estava praticamente morta e faria mais sentido deixá-la ali. Porém a maneira como a garota mais velha tentava tomar a criança em seus braços e levantá-la despertou sua piedade. Até mesmo o leve peso da criança era demais para ela.

Afastando Hadassah, Tércio ergueu a garotinha fácil e gentilmente e a colocou sobre o ombro como um saco de cereais. E, pegando a mais velha pelo braço, empurrou-a porta afora.

A rua estava quieta, os outros soldados haviam seguido em frente. Ouviam-se gritos distantes. Ele caminhava depressa, ciente de que a menina lutava para se manter em pé.

O ar da cidade era fétido de morte. Havia corpos por todos os lados, alguns mortos por soldados romanos que saqueavam a cidade conquistada, outros mortos de fome, inchados e apodrecendo, depois de dias abandonados. O olhar

de horror no rosto da menina fez Tércio se perguntar por quanto tempo ela havia ficado presa naquela casa.

— Sua grande Cidade Santa — ele disse e cuspiu na terra.

Hadassah sentiu o braço doer quando os dedos do legionário se cravaram em sua carne. Ela tropeçou na perna de um homem morto, cujo rosto estava coberto de larvas rastejantes. Os mortos estavam em toda parte. Ela sentiu que ia desmaiar.

Quanto mais andavam, mais terrível era a carnificina. Os corpos em decomposição jaziam enroscados como animais abatidos. O cheiro de sangue e morte era tão pesado que Hadassah cobriu a boca.

— Onde deixamos os cativos? — Tércio gritou para um soldado que separava os mortos.

Outros dois soldados estavam retirando um camarada romano de entre dois judeus. Alguns legionários apareceram com o fruto da pilhagem do templo. As carroças já estavam carregadas de turíbulo de ouro e prata, pratos, cortadores de pavio, panelas e candeeiros. Empilhavam-se pás e potes de bronze, bem como bacias, incensários e outros artigos usados no serviço do templo.

O soldado olhou para Tércio, lançando um olhar apressado a Hadassah e Lea.

— Naquela rua, ao redor do grande portão, mas essas duas não parecem valer o esforço.

Hadassah olhou para o mármore outrora imaculado do templo, que, a distância, parecia uma montanha coberta de neve. Estava enegrecido, pedaços haviam sido arrancados por pedras do cerco, e o ouro, derretido. Paredes inteiras haviam ruído. O templo sagrado era apenas mais um lugar de morte e destruição.

Ela se movia lentamente, sentindo-se mal e aterrorizada por tudo que via. A fumaça queimava-lhe os olhos e a garganta. Enquanto seguiam ao longo da parede do templo, ela podia ouvir o som crescente e ondulante de horror que saía dele. Sua boca estava seca e seu coração batia cada vez mais rápido quando se aproximaram do portão do Pátio das Mulheres.

Tércio deu um empurrão na menina.

— Se desmaiar, mato vocês duas.

Havia milhares de sobreviventes dentro do pátio; alguns gemiam em sua miséria, outros choravam seus mortos. O soldado a empurrou portão adentro, e Hadassah viu a multidão maltrapilha diante de si. Lotavam o pátio. A maioria era magra, faminta, frágil, desesperançada.

Tércio baixou a criança do ombro. Hadassah segurou Lea e tentou sustentá-la. Desabou, fraca, apoiando a irmã no colo. O soldado deu meia-volta e se afastou.

Milhares de pessoas andavam a esmo, procurando parentes ou amigos. Alguns se amontoavam em grupos menores, chorando, enquanto outros, sozinhos, olhavam fixos para o nada — como Lea. O ar era tão abafado que Hadassah mal podia respirar.

Um levita rasgara sua túnica azul e laranja puída e gritava em agonia:  
— Meu Deus! Meu Deus! Por que nos abandonaste?

Uma mulher ao lado dele começou a lamentar miseravelmente, o vestido cinza manchado de sangue e rasgado no ombro. Um velho enrolado em farrapos do que outrora fora uma túnica preta e branca sentava-se sozinho, apoiado na parede do pátio, movendo os lábios. Hadassah sabia que ele era proveniente do Sinédrio, e suas vestes simbolizavam o traje do deserto e as tendas dos primeiros patriarcas.

Misturados entre a multidão estavam os nazareus, com seus cabelos longos trançados, e os zelotes, com calças sujas e esfarrapadas e camisas sobre as quais usavam coletes curtos com uma franja azul de ambos os lados. Despídos de suas facas e arcos, ainda assim pareciam ameaçadores.

De repente estourou uma briga. Mulheres começaram a gritar. Uma dúzia de legionários romanos entrou e matou os adversários, bem como vários outros cujo único delito era estarem próximos ao rebuliço. Um oficial romano se postou nos altos degraus e gritou com os cativos. Apontou mais alguns homens entre a multidão, que foram arrastados para ser crucificados.

Hadassah conseguiu levantar Lea e ir para um lugar mais seguro, perto da parede e do levita. Quando o sol se pôs e caiu a escuridão, manteve Lea perto de si, tentando compartilhar com ela seu calor. Mas, de manhã, Lea havia morrido.

O rosto doce de sua irmã estava livre do medo e do sofrimento. Seus lábios se curvavam em um sorriso gentil. Hadassah a abraçou contra o peito, embalando-a. A dor crescia e a preenchia com um desespero tão profundo que

ela não conseguia nem chorar. Nem se deu conta quando um soldado romano surgiu à sua frente, tentando tirar Lea de seus braços. Então apertou a irmã ainda mais.

— Ela está morta. Entregue-a.

Hadassah escondeu o rosto na curva do pescoço da irmã e gemeu. O romano já vira mortes o suficiente, de modo que aquilo não o tocava mais. Bateu em Hadassah uma vez, fazendo-a soltar a irmã, e a chutou para o lado. Atordoada e dolorida, ela ficou olhando impotente enquanto o soldado levava Lea para uma carroça repleta de cadáveres empilhados, largados ali durante a noite. Sem nenhum cuidado, jogou o corpo frágil da menina sobre a carroça.

Abraçada às pernas, Hadassah fechou os olhos e chorou.

Os dias se passavam lentamente. Centenas de pessoas morriam de fome, desespero e desesperança. Alguns cativos foram levados para cavar valas comuns.

Havia rumores de que Tito dera ordens para demolir não só o templo, mas a cidade inteira. Somente as torres de Fasaél, Hípico e Mariane deveriam ficar em pé para fins defensivos, e uma parte do muro ocidental. Uma coisa assim não acontecia desde que o rei da Babilônia, Nabucodonosor, destruía o templo de Salomão. Jerusalém, a amada Jerusalém, deixaria de existir.

Os romanos levaram milho para os cativos. Alguns judeus, ainda não subjulgados pelo domínio romano, recusaram suas porções em um último e fatal arroubo de rebeldia. Mais graves eram os doentes e os debilitados, aos quais os romanos negavam comida porque não queriam desperdiçar milho com aqueles que provavelmente não sobreviveriam à marcha em direção à Cesareia. Hadassah era uma das últimas, de modo que não recebeu comida alguma.

Certa manhã, ela foi levada com os outros para fora das muralhas da cidade. Observou com horror a cena a sua frente. Milhares de judeus haviam sido crucificados diante das ruínas de Jerusalém. Aves de rapina se divertiam com eles. O solo no local do cerco havia absorvido tanto sangue que era vermelho e duro como tijolo, mas a terra em si estava além de tudo que Hadassah poderia esperar. Exceto pela grande e horrível floresta de cruces, não havia sequer uma árvore, um arbusto, nem mesmo uma folha de grama. Um páramo se estendia diante dela, e, às suas costas, jazia a poderosa cidade, ainda sendo reduzida a escombros.

— Continuem andando! — gritou um guarda, fazendo o chicote sibilar perto dela e estalar nas costas de um homem.

Outro à frente dela gemeu profundamente e desmaiou. Quando o guarda puxou a espada, uma mulher tentou detê-lo, mas ele lhe deu um soco e, com um golpe rápido, abriu uma artéria no pescoço do cativo desfalecido. Pegando-o pelo braço, o guarda o arrastou até a beira do barranco e o empurrou. O corpo rolou lentamente até o fundo, onde se acomodou nas rochas, em meio aos demais cadáveres. Outro cativo ajudou a mulher chorosa a se levantar, e eles prosseguiram.

Os captores colocaram todos sentados à vista e ao som do acampamento de Tito.

— Parece que teremos que suportar o triunfo romano — disse um homem amargamente.

Pelas borlas azuis em seu colete, via-se que era um zelote.

— Fique calado ou será isca de corvos, como aqueles outros pobres tolos — sibilou alguém.

Enquanto os cativos observavam, as legiões se formaram e marcharam em unidades bem compactas diante de Tito, que resplandecia em sua armadura dourada. Havia mais cativos que soldados, mas os romanos se moviam como uma grande fera de guerra, organizada e disciplinada. Para Hadassah, a cadência rítmica de milhares de homens marchando em formação perfeita era assustadora. Uma simples voz ou sinal poderia fazer centenas de homens se moverem como um só. Como alguém poderia pensar que era possível superar algo assim? Eles preenchiam o horizonte.

Tito fez um discurso, por vezes interrompido pelos aplausos dos soldados. Em seguida, os prêmios foram apresentados. Com suas armaduras radiantes, que brilhavam ao sol, os oficiais se postaram diante dos homens. Listas de homens que haviam realizado grandes façanhas na guerra foram lidas. O próprio Tito colocou coroas de ouro na cabeça dos agraciados e ornamentos dourados no pescoço. A alguns, deu longas lanças douradas e escudos de prata. Cada qual foi premiado com a honra da promoção a uma patente superior.

Hadassah olhou ao redor e viu o ódio amargo de seus companheiros. Ter de testemunhar essa cerimônia era como derramar sal em suas feridas abertas.

O espólio foi distribuído entre os soldados. Tito discursou novamente, elogiando seus homens e desejando-lhes grande fortuna e felicidade. Em júbilo, os soldados o aclamaram enquanto Tito descia entre eles.

Por fim, ordenou que se desse início ao banquete. Uma grande quantidade de bois aguardava nos altares dos deuses romanos, e, ao comando de Tito, os animais foram sacrificados. Certa vez, o pai de Hadassah dissera que a lei judaica exigia o derramamento de sangue como expiação dos pecados. Ela sabia que os sacerdotes realizavam sacrifícios diariamente dentro do templo sagrado, como um constante lembrete da necessidade de arrependimento. No entanto, seu pai e sua mãe haviam lhe ensinado desde cedo que Cristo derramara seu sangue como expiação dos pecados do mundo, que a lei de Moisés havia sido cumprida nele e que o sacrifício de animais não era mais necessário. Sendo assim, ela nunca vira animais sacrificados, e foi com grande horror que testemunhou todos aqueles bois serem mortos como oferendas de agradecimento. A visão de tanto sangue derramando-se sobre os altares de pedra a deixou nauseada. Sentindo engulhos, Hadassah fechou os olhos e se virou.

Os bois mortos foram distribuídos ao exército vitorioso para um grande festim. O aroma tentador de carne assada espalhou-se pelo ar noturno, atingindo os sentidos dos cativos famintos. Mesmo se houvessem lhes oferecido um pouco da refeição, os judeus justos se recusariam a comer. Melhor o pó e a morte que carne sacrificada a deuses pagãos.

Por fim, os soldados se aproximaram e pediram aos cativos que formassem uma fila para receber sua ração de milho, trigo e cevada. Debilmente, Hadassah se levantou e se manteve em pé na longa fila, certa de que a comida lhe seria negada novamente. As lágrimas borravam seus olhos. *Deus, Deus, que seja feita a sua vontade.* Juntando as mãos em concha ao chegar sua vez, ela esperava ser afastada de lado. Mas, em vez disso, sementes douradas se derramaram da colher na palma de suas mãos.

Ela quase podia ouvir a voz de sua mãe: “O Senhor proverá”.

Olhou o jovem soldado nos olhos. Seu rosto, ressecado pelo sol da Judeia, era duro, sem emoção alguma.

— Obrigada — disse em grego com humildade, sem pensar em quem ele era ou no que poderia ter feito.

Os olhos dele cintilaram. Alguém a empurrou por trás e a amaldiçoou em aramaico. Ela se afastou, sem saber que o jovem soldado ainda a observava. Ele mergulhou a colher de novo no barril, derramando milho nas mãos do próximo da fila, sem tirar os olhos dela.

Hadassah se sentou na encosta. Estava separada dos outros, sozinha dentro de si. Inclinando a cabeça, apertou o milho com as mãos. A emoção cresceu.

— Preparas uma mesa diante de mim na presença de meus inimigos — sussurrou, trêmula, e começou a chorar. — Oh, Pai, me perdoa. Emenda meus caminhos. Mas gentilmente, Senhor, para que não me reduzas a nada. Estou com medo. Pai, estou com tanto medo! Preserva-me pela força de teu braço. — Abriu os olhos e as mãos novamente. — O Senhor provê — disse suavemente e comeu devagar, saboreando cada grão.

Quando o sol se pôs, Hadassah se sentia estranhamente em paz. Mesmo com toda a destruição e morte à sua volta, com todo o sofrimento que a esperava, ela sentia a proximidade de Deus. Fitou o claro céu noturno; as estrelas brilhavam, e soprava um vento suave, fazendo-a recordar a Galileia.

A noite estava quente, ela havia comido... Ela viveria. “Deus sempre deixa uma esperança”, dissera Marcos. De todos os membros de sua família, a fé de Hadassah era a mais vacilante; seu espírito, o mais desconfiado e temerário. De todos eles, ela era a menos digna.

— Por que eu, Senhor? — perguntou, chorando baixinho. — Por que eu?

GERMÂNIA

## 2

Atretes levantou a mão, indicando a seu pai que uma legião romana avançava rumo à clareira. Ocultos pela floresta, os guerreiros germanos esperavam. Cada um segurava uma frâmea — lança bastante temida pelos romanos, em virtude de sua lâmina fina, curta e muito afiada, capaz de perfurar armaduras e ser arremessada com precisão a uma grande distância ou usada no combate corpo a corpo.

Ao ver que era o momento certo, Atretes baixou a mão. Seu pai imediatamente lançou o grito de guerra, que se elevou e se espalhou no horizonte enquanto o exército inteiro cantava para Tiwaz, seu deus da guerra, por trás de escudos. Marcobo, líder dos brúcteros, unificador de todas as tribos germânicas, juntou-se a ele, assim como o restante das tribos brúctera e batava — cem homens ao todo. O som horrível e caótico reverberava vale abaixo como um rugido dos demônios do Hades. Sorrindo, Atretes viu os legionários perderem o ritmo. E foi nesse instante que os membros das tribos inundaram as encostas para o ataque.

Surpreendidos e confundidos pelos gritos bárbaros, os romanos não ouviram seus comandantes ordenarem a formação em tartaruga. Os comandantes sabiam que essa manobra militar — pela qual os homens se aproximavam e dispunham os escudos bem juntos uns dos outros, dos lados e acima da cabeça, formando uma armadura impenetrável, semelhante ao casco de uma tartaruga — era sua única defesa contra os bárbaros. No entanto, ao ver uma horda de guerreiros ferozes e quase nus, armados com lanças pendendo dos flancos, a legião quebrou as fileiras, dando aos membros da tribo uma vantagem bem oportuna. Frâmeas voaram, legionários caíram.

O pai de Atretes, Hermun, encabeçava a formação em cunha, que deu início ao ataque. Seu elmo de chefe brilhava. Ele guiou sua tribo, saindo da densa floresta de abetos, enquanto os guerreiros catos desciam a encosta. Com cabelos

compridos, a maioria dos membros da tribo não usava nada mais que um sago — capa protetora curta, presa ao ombro com um simples broche de bronze — e se armava unicamente com um escudo de ferro e couro e uma frâmea. Somente os chefes mais ricos portavam espada e usavam elmo.

Soltando o grito de guerra, Atretes lançou sua frâmea enquanto corria. A lança atravessou a garganta de um tribuno romano, fazendo sua bandeira cair ao solo. Outro romano pegou a insígnia, mas Atretes o alcançou e quebrou suas costas com um golpe de punhos. Arrancando a lança do homem morto, atravessou com ela outro soldado.

Mulheres e crianças correram pela encosta e se sentaram, gritando e torcendo por seus guerreiros. A batalha não duraria muito, pois o elemento surpresa era apenas uma vantagem momentânea. Assim que os romanos dominassem a situação, os guerreiros germanos bateriam em retirada. Eles sabiam que tinham poucas chances em uma batalha prolongada contra as forças altamente treinadas de Roma. Nos últimos meses, os tribais haviam usado a tática que melhor funcionara: importunar os flancos do exército, golpear rapidamente e recuar assim que a batalha começasse a virar.

Atretes disparou sua lança, que atravessou a armadura de um centurião. Fez sua promessa a Tiwaz e bateu com o escudo na cabeça de um opositor enquanto arrancava o gládio — uma espada curta — de um centurião morto, mal conseguindo aparar os golpes de outros dois romanos. Ele não estava acostumado a lutar com espada curta e sabia que tinha que recuar antes que fosse dominado.

O pânico inicial que tomara a legião desaparecera. Havia oficiais montados em meio à balbúrdia, empunhando espadas e gritando ordens. As fileiras estavam se fechando novamente, e o treinamento e a disciplina dos romanos impactavam seus atacantes.

Atretes viu seu irmão, Varus, cair. Agitando a espada, amputou o braço de um romano. Quando tentou chegar até o irmão, outro centurião o atacou, e foi difícil se manter vivo ante a habilidade do guerreiro com o gládio. Atretes bloqueou sucessivos ataques. Usando a força bruta, jogou todo o peso de seu poderoso corpo contra o centurião e o lançou sobre outros três.

— Atrás de você, Atretes! — gritou seu pai.

Ele se inclinou bruscamente e continuou andando, brandindo a espada rapidamente, quebrando ossos ao cortar a virilha de seu oponente e lhe perfurar o abdome. O homem gritou e caiu antes que Atretes pudesse retirar a espada.

O centurião que Atretes havia derrubado se recuperara e retornava para o combate. Sem espada, Atretes rolou e pegou a perna do atacante, derrubando-o. Saltando sobre ele, agarrou sua cabeça e chacoalhou forte, quebrando-lhe o pescoço. Arrancando o gládio dos dedos sem vida, ele se levantou e atacou um romano que furtava a espada de um tribal caído. Atretes acertou a lateral exposta do pescoço do homem e um jato de sangue salpicou seu rosto. Largando a espada, arrancou uma frâmea do cadáver de um soldado enquanto corria.

Ele não conseguia ver o elmo dourado de seu pai, e as tropas germanas perdiam força enquanto os soldados romanos se reagrupavam e ostentavam a organizada destruição pela qual eram famosos. Marcobo, com o braço esquerdo pendendo na lateral do corpo, gritou para que seus homens recuassem. Ao contrário do pensamento romano, as tribos não viam nada de desonroso em recuar quando a batalha virava. O batavo seguiu o exemplo e recuou, deixando a tribo de Atretes para trás e vulnerável. Atretes sabia que a prudência exigia que os catos voltassem para o bosque com os outros, mas seu sangue estava quente, sua mão ainda era forte. Atacou dois romanos, soltando seu grito de guerra.

Seu tio caiu com um dardo romano fincado no peito. Seu primo Rolf tentou alcançá-lo e foi atacado por um centurião. Rugindo de fúria, Atretes atacava sem cessar, abrindo um buraco na lateral do elmo de um legionário e cortando o braço de outro. Muitos homens de sua tribo estavam caindo, e por fim a prudência falou mais alto. Atretes gritou para os demais membros da tribo que se dirigissem à floresta. Desapareceram na mata, deixando os romanos frustrados e mal equipados demais para persegui-los.

A oitocentos metros da colina, Atretes encontrou sua irmã Marta de joelhos, limpando um ferimento no ombro do marido. O irmão dele estava inconsciente ao lado, com a perna enrolada firmemente, sangrando.

Com suor escorrendo pelo rosto pálido, Usipi fez uma careta sob as mãos rápidas e seguras de Marta.

— Seu pai — disse ele. E levantou levemente a mão, apontando.

Atretes correu pela floresta e encontrou sua mãe segurando seu pai. Havia um buraco na lateral do elmo do chefe, e o bronze dourado sangrava. Atretes

soltou um grito selvagem e caiu de joelhos.

Com o semblante pálido e contorcido, a mãe trabalhava febrilmente em uma ferida aberta no abdome nu do marido. Ela chorava enquanto empurrava suas entranhas de volta para dentro e tentava fechar a ferida.

— Hermun — implorou. — Hermun, Hermun...

Atretes segurou os pulsos sangrentos da mãe, interrompendo seus esforços frenéticos.

— Deixe-o.

— Não!

— Mãe! — Ele a sacudiu com mãos firmes. — Ele está morto. Você não pode fazer mais nada.

Ela se aquietou, relaxando a rígida resistência. Ele a soltou, as mãos ensanguentadas de sua mãe caindo frouxas sobre as pernas. Atretes fechou os olhos de seu pai e acomodou-lhe as mãos no peito imóvel.

Sua mãe ficou paralisada por um longo momento, até que, com um soluço, inclinou-se para a frente e puxou a cabeça ensanguentada do marido para seu colo. Usando a borda da capa curta, enxugou o rosto dele como se fosse uma criança.

— Vou levá-lo até os outros — disse Atretes.

Sua mãe levantou os ombros de Hermun, e Atretes o ergueu do chão. Lágrimas molhavam seu rosto duro enquanto ele tropeçava sob o peso do corpo do pai, caindo de joelhos. Lutando contra a exaustão, cerrou os dentes e se ergueu. Cada passo era um esforço brutal.

Quando chegaram onde estava sua irmã e Usipi, ele depositou cuidadosamente seu pai ao lado do corpo de Dulga e Rolf, que as outras mulheres da família conseguiram resgatar. Respirando pesadamente e sentindo a fraqueza percorrer sua coluna, Atretes pegou o talismã esculpido que seu pai usava no pescoço e apertou a imagem de madeira na palma da mão. Era esculpida no carvalho do bosque sagrado e protegera Hermun durante muitas batalhas. Atretes tentou tirar forças daquilo, mas sentiu um profundo desespero.

A batalha estava perdida, e seu pai, morto. A liderança recairia sobre ele, se fosse forte o bastante para mantê-la. Mas era isso que ele queria?

As profecias de Valeda, a vidente dos brúcteros, que ficava escondida em sua torre onde nenhum homem podia vê-la, estavam se provando falsas. Embora

Caio Júlio Civil e seus rebeldes houvessem destruído as legiões da fronteira, a rebelião estava fracassando. Passado um ano, a liberdade não estava mais ao alcance deles.

Vespasiano subira ao poder após um período de doze meses que vira três imperadores caírem. Agora, sob o comando do filho mais novo do governante, Domiciano, outras oito legiões foram enviadas contra Caio Júlio Civil. Veleda havia profetizado que a juventude de Domiciano venceria Caio Júlio, mas o menino chegara à fronteira à frente de suas legiões, em vez de se esconder atrás delas. Reputadamente treinado como gladiador, parecia determinado a provar que ele próprio era um comandante tão habilidoso quanto seu pai, Vespasiano, e seu irmão, Tito. E a jovem larva estava conseguindo.

Vencendo as forças rebeldes, Domiciano os fez cativos. Ordenou que os homens de Caio Júlio Civil fossem dizimados. Os prisioneiros foram enfileirados e cada um dos dez homens foi crucificado. Com Caio Júlio acorrentado e a caminho de Roma, a unidade das tribos que o apoiavam estava falindo. As facções estavam se separando. Muitos batavos foram levados cativos. Um a cada três homens da tribo de Atretes estava morto.

Atretes sentia a raiva crescer enquanto olhava para o pai. Apenas uma semana atrás, o líder dos catos havia lançado pedaços de galhos e cascas de um dos carvalhos sagrados sobre um pano branco. Ele não conseguira ler um sinal claro, mas o sacerdote havia dito que os relinchos do cavalo branco garantiriam a vitória.

Vitória! Que vitória? Acaso até seus deuses se voltaram contra eles? Ou os deuses romanos se mostraram mais poderosos que o grande Tiwaz?

Enquanto levavam seus mortos para a aldeia, outros tribais se reuniram, informando que os romanos haviam marchado para o norte.

Atretes cortou madeira para construir a sepultura do pai, enquanto a mãe vestia o marido com suas melhores peles e preparava o banquete fúnebre. Ela arrumou suas melhores tigelas, copos e travessas de cerâmica ao lado do marido e os encheu com mingau de aveia grossa e hidromel forte. Carnes de cordeiro e de porco foram assadas e colocadas nas travessas. Ao término da celebração, Atretes ateou fogo à sepultura. Outros fogos brilhavam na escuridão.

— Está pronto — disse sua mãe, com lágrimas correndo pelas faces. Então pousou a mão gentil sobre Atretes. — Amanhã à noite você reunirá os homens

no bosque sagrado.

Ele sabia que sua mãe presumia que ele se tornaria chefe.

— Isso é com os sacerdotes.

— Eles já escolheram você, assim como nossos homens. Quem seria mais adequado? Não foi seu comando que eles seguiram sem questionar quando a batalha virou? E os catos foram os últimos a abandonar o campo de batalha.

— Isso só aconteceu porque meu pai havia caído, não por grande valor meu.

— Você será o chefe, Atretes. Hermun sabia que esse dia chegaria. Foi por isso que ele o treinou, guiando você mais que aos outros filhos. Quando você nasceu, os sinais nos disseram que se tornaria um grande líder.

— Os sinais já erraram antes.

— Não nisso. Alguns assuntos não são questão de escolha. Você não pode lutar contra o destino. Lembra-se da noite em que seu pai o levou perante o conselho e lhe deu um escudo e uma frâmea?

— Sim — disse ele, controlando o sofrimento enquanto fitava as chamas, que deixaram o corpo de seu pai visível quando as paredes ruíram.

Ele apertou os punhos. A última coisa que queria era a escravidão da liderança.

— Você se tornou homem aquela noite, Atretes. E sua masculinidade cresceu desde então. Você matou seu primeiro inimigo aos catorze anos. — Ela sorriu, e seus olhos azuis marejados brilharam. — Você mal tinha bigode para raspar sobre o inimigo morto, mas raspou seu rosto até esfolar para seguir a tradição. — Ela o apertou. — Você tinha quinze anos quando tomou Ania como noiva, dezesseis quando perdeu a ela e a seu filho no parto. Dois anos depois, triunfou sobre invasores brúcteros e foi honrado com a permissão de retirar o anel de ferro do dedo. Seu pai disse que você lutou melhor que qualquer guerreiro que ele já vira. Ele tinha orgulho de você. — Ela apertou o braço dele. — Eu tenho orgulho de você!

Então se calou, as lágrimas correndo por seu rosto enquanto olhava as chamas.

— Tivemos paz por dois anos.

— E então Caio Júlio Civil veio até nós e nos falou da rebelião em Roma — disse Atretes.

— Sim. — Ela o fitou novamente. — E de uma chance de liberdade.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma voz ao vento – A marca do leão – v..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).